

Mãenarquia, Demãecracia? A criatividade lexical em falas espontâneas de crianças

Mariana Queiroga Gomes*

Arabie Bezri Hermont**

Resumo

A pesquisa apresentada neste artigo teve como objetivo analisar como se dá o processo de formação de novas palavras, os neologismos, em falas espontâneas de crianças. O corpus de análise se constitui das publicações da página Frases de Crianças no Instagram. Como embasamento teórico, inicialmente, recorreremos a Rocha (2008), que discorre acerca do motivo pelo qual formamos novas palavras, além de apresentar as contribuições da teoria gerativa para os estudos morfológicos, como a apresentação das Regras de Formação de Palavras (RFPs) e as Regras de Análise Estrutural (RAEs). Valemo-nos também das contribuições de Gonçalves (2016) referentes aos estudos dos neologismos derivacionais, as formações imotivadas e as formas como única expressão da língua, bem como dos novos fenômenos da morfologia do português. O estudo mostrou que as crianças, ao criarem novas palavras, valem-se do processo de analogia de palavras já institucionalizadas e utilizam de recursos tais como o cruzamento vocabular e hibridismo.

Palavras-chave: crianças; gerativa; morfologia; neologismo.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista CAPES.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística. Professora da Graduação em Letras e da Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

Mãenarquia, Demãecracia? Lexical creativity in spontaneous speech of children

Abstract

The research presented in this article aimed to analyze how the process of forming new words, neologisms, occurs in children's spontaneous speech. The analysis corpus consists of publications from the Frases de Crianças page on Instagram. As a theoretical basis, we initially turn to Rocha (2008), who discusses the reason why we form new words, in addition to presenting the contributions of generative theory to morphological studies, such as the presentation of Word Formation Rules (RFPs) and the Structural Analysis Rules (RAEs). We also draw upon the contributions of Gonçalves (2016) regarding the studies of derivational neologisms, unmotivated formations, and forms as the only expression of the language, as well as new manifestations of Portuguese morphology. The study showed that children, when creating new words, use the process of analogy of already institutionalized words and use resources such as vocabulary indexes and hybridity.

Keywords: children; generative; morphology; neologism.

Introdução

Marcelo, marmelo, martelo, obra de Ruth Rocha (1976), narra a história do menino Marcelo, uma criança que questiona o nome dado aos objetos que estão ao seu redor. Ele não entende, por exemplo, por que *cadeira* se chama *cadeira* ou por que *travesseiro* tem o nome de *travesseiro*. Nessa brincadeira com as palavras, a obra trabalha com a arbitrariedade do signo linguístico e, por isso, ao longo da narrativa, Marcelo vai criando novas palavras para nomear as coisas.

Ao criar os novos itens lexicais, contudo, o personagem utiliza regras de formações de palavras e segue a mesma estrutura de palavras que já existe em nossa língua. É o caso, por exemplo, de *mexedorzinho*, em que o sufixo *-inho* liga-se à base de *mexer*, tal como acontece com a palavra *colherinha*.

Fora do campo literário, mas da mesma maneira que o menino Marcelo, as crianças estão sempre criando neologismos, talvez não com o mesmo propósito de questionar os nomes já existentes, mas porque, por vezes, ainda estão aprendendo as regularidades e irregularidades da língua, ou até mesmo porque possuem alguma intencionalidade, dado o contexto da comunicação. Bechara (2009) *apud* Ferreira (2021) aponta que “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades, culturais, científicas e da comunicação de um modo geral”. (Bechara, 2009, p. 351 *apud* Ferreira, 2021, p. 13). Ferreira (2021) tem a hipótese de que “os processos participantes do nascimento de uma nova palavra promovem relações vinculadas às necessidades humanas comunicativas em um caráter primário, primitivo até; [...] a nova palavra – a neologia – seria inerente à língua.” (Ferreira, 2021, p. 13).

Com o propósito de estudar a criatividade lexical, este artigo tem como objetivo apresentar como se dá o processo de formação de novas palavras em falas espontâneas de crianças com idade variando entre quatro e dez anos. Para tal, valemo-nos das contribuições de autores de dois quadros teóricos que, embora sejam de vertentes diferentes, apresentam ricos estudos para os processos de criatividade e produtividade lexical; são eles Rocha (2008), que faz um estudo à luz dos pressupostos da teoria

gerativa, e Gonçalves (2016), seguindo a morfologia construcional. O *corpus* deste trabalho se constitui de diálogos de crianças publicados na página de Instagram intitulada Frases de Crianças (@frasesdecrianças).

Este artigo tem a seguinte organização: no primeiro momento discorreremos sobre o porquê e quando se formam novas palavras. Em seguida, apresentamos a abordagem da gerativa no que se refere aos estudos morfológicos, especificamente os processos de formação de novas palavras. Depois, trazemos apontamentos do trabalho de Gonçalves (2016). Na última seção, demonstramos a análise dos neologismos criados pelas crianças.

Por que e quando se formam novas palavras?

Antes de discutirmos como se dá o processo de formação de novos itens lexicais, é importante entendermos dois questionamentos feitos por Rocha (2008, p. 77): a) por que se formam novas palavras? e b) quando se formam novas palavras? Referentemente à primeira pergunta, Rocha (2008) afirma que novas palavras são formadas por conta de três funções.

A primeira função é a mudança categorial, que acontece por exigência do nosso sistema linguístico. Essa exigência acontece quando há uma adaptação morfológica, isto é, quando o falante faz uso de um sufixo, por exemplo, para mudar a classe gramatical de uma palavra em um determinado contexto. A palavra *atingimento* na seguinte frase é um exemplo dessa função: “[...] somente quando atingir essa cifra, o País será auto-suficiente. Mas esse *atingimento* só será possível [...]” (Rocha, 2008, p. 78).

A segunda função da formação de uma palavra está relacionada com a expressão da subjetividade do falante; Rocha (2008) nomeia essa função como expressiva de avaliação, que acontece quando o falante faz uso de sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores. É o caso, por exemplo, do sufixo diminutivo *-inho*: “– *Filhinho*, vai para a *caminha*, tomar o seu *leitinho*”.

Por fim, a terceira função é a rotulação que, por sua vez, de acordo com Rocha (2008), está diretamente ligada à pragmática, à cultura, à história e à tecnologia. Atualmente, essa função também está muito relacionada,

por exemplo, com a criação de memes que viralizam nas redes sociais, ou seja, é uma função que está ligada “com a necessidade que tem o homem de dar nome às coisas, às ações, aos lugares, etc.” (Rocha, 2008, p. 79). Alguns exemplos¹ citados pelo autor: malufar, tancredar, sacoleiro, etc.

Para responder ao questionamento b) quando se formam novas palavras?, falaremos sobre formações esporádicas e formações institucionalizadas. A formação esporádica, de acordo com Bauer (1983, p. 45 *apud* Rocha, 2008, p. 79), “pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/escritor, sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata”. Assim, podemos inferir que essas palavras não são institucionalizadas, mas nada impede que elas passem a ser, na medida em que uma determinada comunidade linguística passe a fazer uso delas. Rocha (2008, p. 80) cita como exemplo a palavra *imexível*, a princípio uma formação esporádica, mas que passou a ser uma forma institucionalizada quando foi dita por um ministro diante da imprensa. Na seção seguinte, estudaremos, de forma mais aprofundada, sobre as concepções de Rocha (2008) acerca da morfologia na perspectiva da teoria gerativa.

Morfologia gerativa

Rocha (2008) ancora-se nos estudos de Basílio (1980) para uma abordagem gerativista no que se refere aos estudos morfológicos. Desse modo, o autor aponta que na teoria gerativa há

uma preocupação dos linguistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a sua capacidade de formar novas palavras, rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo, etc. (Rocha, 2008, p. 30).

Importante dizer que competência, conceito que advém da teoria gerativa, refere-se à Língua-I (interna), isto é, “a nossa capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas compostas pelos códigos da

¹ Importante destacar que essas palavras já foram derivadas há tempos e, talvez, alguns falantes podem não reconhecê-las mais.

língua-E de nosso ambiente” (Kenedy, 2016, p. 54). Em outras palavras, seria aquilo que o falante sabe quando ele diz que sabe português, por exemplo. Assim, considerando a vertente da morfologia, é possível dizer que há no léxico regras que nos permitem criar novas palavras. Nesse sentido, Basílio (1980) apud Rocha (2008) define competência lexical como

a) O conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais). (Basílio, 1980, p. 9 apud Rocha, 2008, p. 35).

No tópico a), Rocha (2008) aponta que Basílio (1980), ao citar as entradas lexicais, está se referindo às formas linguísticas as quais o falante conhece e de que faz uso, ou seja, não é apenas uma lista de palavras, mas também as formas que são compreendidas como os afixos (prefixo e sufixo), desinências, entre outros. Logo, conforme aponta Rocha (2008), não se trata do que conhecemos como dicionário, mas, sim, do léxico mental, aquilo que está internalizado na gramática mental do falante.

Nesse léxico mental, estão agrupadas as formas livres, dependentes e presas. Nas formas livres, encontram-se os lexemas puros que, conforme aponta Rocha (2008, p. 64), “apresentam apenas um elemento lexical. São elementos lexicais a raiz e os afixos”. As formas livres também abarcam os lexemas complexos, que, por sua vez, possuem dois ou mais elementos lexicais (Rocha, 2008, p. 64). Além disso, nas formas livres, encontram-se os vocábulos dêiticos, tais como eu, nosso, isto, algum, aqui, lá, etc., que são livres porque, conforme esse autor, não apresentam raiz, nem podem servir de base para a formação de outras palavras.

As formas dependentes, que compreendem as preposições, artigos, pronomes e conjunções, são classificadas como tal porque não aparecem de forma isolada em uma sentença, sempre se associam a outros termos da oração. Já como formas presas, que não são palavras, temos as bases, afixos, desinências e vogais temáticas. As bases funcionam como raízes, isto é, “servem como bases para a formação de novos itens lexicais” (Rocha, 2008, p. 64).

O quadro a seguir, proposto por Rocha (2008), resume e exemplifica essas formas linguísticas que estão presentes nas entradas lexicais:

Quadro 1 - ENTRADAS LEXICAIS

LIVRES	LEXEMAS	<i>Puros</i> – mar, café, livro, gato, calmo, varrer, agachar, vinte, segundo, cedo, sempre <i>Complexos</i> – simples: livreiro, reler, esclarecer <i>Complexos</i> – compostos: Guarda-roupa, secretária-eletrônica, biologia
	VOCÁBULOS DÊITICOS	eu, nosso, isto, algum, aqui, lá
DEPENDENTES	de, para, embora, que, o, uma	
PRESAS	BASES	hipo-, hidro-, eco-, -log(ia), -latr(ia)
	AFIXOS	<i>Prefixos</i> : -re, in-, des-, inter- <i>Sufixos</i> : -ção, -agem, -ice, -it(ar), -ec(er)
	DESINÊNCIAS	<i>Nominais</i> : livro-s, alegre-s, risonh-o, bonit-a <i>Verbais</i> : caminha-mos, anda-va-s, ouvi-ndo, argumenta-r
	VOGAIS TEMÁTICAS	<i>Nominais</i> : livr-o, hort-a, pont-e, gat-o, gal-o <i>Verbais</i> : par-a-r, venc-e-r, ouv-i-r

Fonte: Rocha (2008, p. 63).

Os itens b) e c) da definição de Basílio (1980), conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais e as relações entre os vários itens, bem como o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais), serão discutidos aqui neste artigo junto a análise do *corpus*. Por ora, vamos

trabalhar com outras duas importantes definições para entendermos a estrutura de palavras já existentes e a formação de uma nova palavra: Regras de Análise Estrutural (RAE) e Regras de Formação de Palavras (RFP).

As RAE se referem às estruturas de palavras que são institucionalizadas, isto é, as palavras que fazemos uso no nosso dia, que já são consolidadas na nossa língua. Assim, com a aplicação da RAE, podemos entender a estrutura de palavras como *declaração*, que vem de *declarar*, ou *sentimento*, que vem de *sentir*. Rocha (2008) apresenta o seguinte esquema para representar a análise da estrutura de uma palavra como, por exemplo, *preparação*:

$$\begin{aligned} & [[X] a] Y] b \\ & [[preparar]_v [-ção]_s \end{aligned}$$

Já as RFP dizem respeito à produção de novos itens lexicais, ou seja, as formas não institucionalizadas, aquelas que não encontramos nos dicionários, mas que surgem em uma conversa informal, na fala de uma criança (conforme veremos na última seção), nas publicações nas redes sociais, nos memes, etc. Pensemos no exemplo da palavra *apelidador* proposto por Rocha (2008). A regra de formação dessa palavra pode ser esquematizada da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & [X] a \rightarrow [[X] a Y] b \\ & [apelidar]_v \rightarrow [[apelidar]_v -dor]_s \end{aligned}$$

Rocha (2008, p. 41) nos mostra ainda que as RFPs são estabelecidas tendo como base uma relação paradigmática. Assim, a RFP que explica a formação, por exemplo, de *taxista*, $[táxi]_s \rightarrow [[táxi]]_s -ista]_s$, segue a relação paradigmática que encontramos em *roteiro – roteirista*, *dente – dentista*, *arte – artista*, *máquina – maquinista*, etc. Dessa forma, “ao criar uma palavra nova ou ao interpretar um novo item lexical, o falante demonstra conhecer a estrutura do item recém-criado”. (Rocha, 2008, p. 42). Por isso, é possível dizer que toda RFP corresponde a uma RAE, mas nem toda RAE corresponde a uma RFP. Rocha (2008) exemplifica essa diferença com os sufixos *-âneo*, *-este*, *-estre*, *-eo* e *-ício*, já que atualmente não temos novas palavras formadas com esses sufixos.

Rocha (2008) discorre ainda sobre as condições de produtividade das RFP, considerando que podem surgir questionamentos acerca de formações que são possíveis e institucionalizadas, tais como *taxista*, *florista*, *frentista* e outras que não o são, como *escadista*, *apartamentista*, *arvorista*, etc. Assim, é necessário fazer uma distinção entre as condições de produtividade e *condições de produção* de uma RFP. Basílio (1990, p. 3 *apud* Rocha, 2008, p. 35) aponta que

[...] uma vez estabelecida a esfera da competência lexical no conceito de produtividade, este conceito deve ser entendido tão-somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis [...]. As condições de produtividade de uma regra devem ser distintas das condições de produção, que dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática. (Basílio, 1990, p. 3 *apud* Rocha, 2008, p. 35)

Dessa forma, entendemos que um novo item lexical pode ser formado dadas as condições de produtividade, por exemplo a RFP S→S-eiro permite a criação de *eureiro*. Contudo, de acordo com Rocha (2008), essa não é uma palavra real da língua, diferentemente de *doleiro*, palavra institucionalizada e que passa pela mesma RFP.

Morfologia construcional

Gonçalves (2016), em suas pesquisas, segue os pressupostos da morfologia construcional. Essa morfologia é proposta por Booij (2010 *apud* Gonçalves, 2016) e estuda os fenômenos de formação de palavras em um viés que se aproxima da linguística cognitiva. Assim, tendo como base o trabalho de Bogdan Szymanek que versou acerca dos fenômenos envolvidos na formação de palavras em inglês, Gonçalves (2016) propôs um estudo da formação de palavras no Português Brasileiro (PB). Dentro desse quadro teórico, o autor destaca três fenômenos sobre o processo de formação de novas palavras: 1) neologismos derivacionais; 2) formações imotivadas; e 3) as formas com única ocorrência na língua.

Szymanek (2005) *apud* Gonçalves (2016) aponta que os neologismos derivacionais são as palavras complexas atribuídas de acordo com padrões produtivos da língua. Como exemplo, o autor cita o sufixo *eiro*, que está diretamente ligado à noção de agente. Assim, tem-se o seguinte esquema:

$$[[X]s_i \text{ eiro}]s_j \leftrightarrow [\text{AGENTE em relação à SEM de } [X].]_j$$

Nesse modelo, Gonçalves (2016) explica que $[X]$ representa a base e a formação *X-eiro*, o produto (i e j indicam que tanto base, quanto produto fazem parte do léxico), sendo que eles são indexados em S , que, nesse caso, refere-se à classe dos substantivos. Ainda, “o símbolo \leftrightarrow diz respeito ao pareamento forma/significado e SEM remete ao significado da base ou do produto.” (Gonçalves, 2016, p. 30). O autor aponta que o falante, ao ter domínio desse esquema, consegue formar palavras tais como *blogueiro*, *chapeiro*, *dogueiro*, como também formar outras novas palavras que não são institucionalizadas, conforme veremos nas análises de dados, última seção deste artigo.

No tópico 2, formações inativadas, encontram-se as palavras que não possuem motivações morfológicas e nem semânticas. Gonçalves (2016) nomeia-as com a expressão latina *Ex-nihilo*, que significa “do nada”. Contudo, o autor questiona se realmente existe esse tipo de formação, uma vez que as palavras podem ter uma formação linguística cujo significado desconhecemos. Por exemplo, inicialmente podemos pensar que a palavra *mocreia* não possui nenhuma motivação morfológica ou mesmo semântica, mas Gonçalves (2016) cita que ela pode estar relacionada à expressão mó (redução de maior) e ao nome *Creia/Cleia*, nome este que pode significar feiura dentro de um determinado contexto, daí a expressão tal como a conhecemos: *mocreia*. Esse exemplo nos mostra como as formações *Ex-nihilo* podem ser relativas (Gonçalves, 2016, p. 33).

Já no tópico 3, as formas com única expressão na língua são denominadas por Gonçalves (2016) como *hápax legomenon*, justamente porque fazem alusão a palavras que possuem apenas uma referência, de tal forma que podem ser consideradas como “genuínos neologismos (alguns são simplesmente velhos ou mesmo palavras obsoletas, usadas apenas uma vez e depois esquecidas)” (Szymanek, 2005 *apud* Gonçalves, 2016, p. 34). É o caso de palavras que são muito utilizadas no campo literário, como

exemplo, Gonçalves (2016) cita o seguinte trecho do poema intitulado *Caso pluvioso*, de Carlos Drummond de Andrade:

Chuvadeira maria, chuvadonha,
Chuvinhenta, chivil, pluvimedonha

Os sufixos que ocorrem apenas em um caso isolado de uma única palavra também podem ser considerados como *hapaces* que, por sua vez, são palavras que ocorrem apenas uma vez dentro de um contexto. É o caso da palavra casebre, cujo sufixo *ebre* não é produtivo como o sufixo *eiro*, por exemplo.

Entender, a princípio, essas três definições é importante para compreendermos os processos de formação de novas palavras que surgem na nossa língua. Na seção de análise de dados, veremos sobre o cruzamento vocabular, um dos fenômenos inovadores da morfologia propostos por Gonçalves (2016).

Demãecracia e Mãenarquia – os processos de formação de palavras

Nesta seção, iremos analisar o processo de formação de novas palavras em diálogos espontâneos de crianças. Para este artigo, selecionamos dez diálogos que contemplaram onze novos itens lexicais. Assim, a proposta é analisar a formação dessas novas palavras à luz das teorias aqui discutidas. Portanto, ora lançamos mão de Rocha (2008), ora Gonçalves (2016).

Mais do que nos afiliar a um dos quadros teóricos apresentados, já que ambos procuram ter poder descritivo e explicativo em relação ao processo de inovação lexical, explicitando de que forma, cognitivamente, o falante busca uma solução num momento de “impasse” em relação à nomeação ou categorização lexical (necessária em situação interlocutiva se desejam referenciar algo do contexto linguístico ou extralinguístico), entendemos que a explicação da neologia pode se dar por meio de uma regra (visão formalista, da teoria gerativa) ou de uma construção (visão cognitivo-funcional).

Das onze palavras selecionadas, cinco podem ter o processo de formação explicado pelo cruzamento vocabular. Fandrych (2008) apud Gonçalves (2016) aponta que o termo cruzamento é utilizado em referência à mistura de fragmentos de palavras existentes, ou seja, é um processo de formação de palavra que consiste na fusão de duas bases (Gonçalves, 2016, p. 76). O cruzamento vocabular contempla três grupos: entranhamento lexical, combinação truncada e substituição sublexical.

Analisemos, a seguir, duas narrativas:

1) Vinícius sempre reclama que eu mando muito nele e que não vê a hora de ser adulto para poder decidir tudo da sua vida. Certo dia, pedi para ele descer na garagem para pegar algo que eu havia esquecido no carro. Ele me olhou e falou:
– Estou cansado de viver em uma **mãenarquia**. Queria viver em uma **demãecracia**.
(V, 10 anos)

2) – Mãe, quando crescer quero ser **jardinheiro**.
– O certo é jardineiro.
– Não, mãe. É **jardinheiro** que planta dinheiro.
(D, 5 anos)

Nesses diálogos das crianças analisados, encontramos três formações correspondentes ao estranhamento lexical que, por sua vez, consiste na fusão de duas palavras pela interposição de uma à outra. Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são literalmente superpostas, de modo que um ou vários segmentos são compartilhados. (Gonçalves, 2016, p. 77). Assim, nessas duas narrativas, temos três exemplos de palavras que aparecem de forma integral dentro da outra, é o caso de mãenarquia e demãecracia, mesmo que haja uma mudança na base original das palavras monarquia e democracia. Em **jardinheiro** temos as duas formas: jardim e dinheiro. Vejamos mais duas narrativas:

3) – Maria, o que você quer fazer quando crescer?
– Eu quero ser cientista.
– E com o que você vai trabalhar nisso?
– Ué, com **cientimentos**.
(M C, 4 anos)

- 4) – Mamãe, amanhã eu tenho prova.
 – Ah, tudo bem, você estará na escola.
 – A **condenadora** da escola disse pra não faltar.
 (J P, 6 anos)

Nos exemplos 3 e 4 é possível perceber a combinação truncada, que também está contida no cruzamento vocabular. De acordo com Gonçalves (2016), nesse tipo de formação, há “um tipo de composição em que uma palavra componente é truncada (isto é, sofre encurtamento; perde massa fônica) e se une à outra, igualmente truncada ou não.” (Gonçalves, 2016, p. 77). É o caso dos exemplos apresentados, em que há truncamento das duas palavras: *ciência* e *sentimentos* (*cientimentos*) e *condenar* e *coordenar* (*condenadora*) > *condenadora* / *coordenadora*.

Outra nova palavra que apareceu nos dados coletados foi referente à Regra de Formação de Palavra S→S_{-eiro}. Essa é uma regra específica em que, de acordo com Rocha (2008), o produto designa um nome agentivo. Analisemos a seguinte narrativa:

- 5) Estávamos no carro e ele perguntou:
 – Mãe, quem trabalha na padaria é padreiro, né?
 – Sim, filho.
 – E na marcenaria é marceneiro?
 – Sim.
 – E quem entrega iFood?
 – Entregador de lanche.
 – Não, mãe! É **ifodeiro**!
 (J P, 9 anos)

Esse exemplo mostra como nessa regra está subjacente a noção de relação paradigmática, conforme vimos na seção anterior, evidenciando ainda como as condições de produtividade permitem esse tipo de formação, que pode ser esquematizada da seguinte maneira:

$$S \rightarrow S_{-eiro}$$

$$iFood \rightarrow iFood_{-eiro}$$

Nesse esquema, vemos que o produto apresenta ideia de agente humano, ainda que *iFood* seja o nome de uma marca, portanto um substantivo próprio. Nesse exemplo, é interessante notar que a criança ao perguntar “E quem entrega *iFood*? e a mãe responde “entregador de lanche.”, ela não responde corrigindo a mãe, dizendo, por exemplo, “entregueiro”, uma vez que a RFP não se aplica a bases que designam agentes/indivíduos. (Rocha, 2008, p. 130).

Gonçalves (2016), no viés da morfologia construcional, explica que novas palavras são formadas a partir de padrões produtivos e bem estabelecidos na língua. É o caso desse exemplo que estamos analisando, uma vez que a fórmula $[[x]s_{j\text{ eiro}}]si \rightarrow i\text{Foodeiro}$, em que tanto a base $[x]$, quanto produto fazem parte do léxico, designa nomeação de agentes. Vejamos mais uma narrativa:

6) Meu irmão por parte de pai mora em outra cidade e perguntei:

– Lipe, você faz aula de natação?

– Não. Só de **escreveção!**

(L F, 4 anos)

Nesse exemplo, vemos que a criança, ao estabelecer uma RFP, emprega a seguinte RAE, tendo como base a palavra natação que foi dita anteriormente no diálogo, e possivelmente outras palavras que possuem o sufixo *-ção*, que é sufixo com ideia de agentividade, por exemplo, a palavra reparação:

$[[X]]aYb / [[\text{reparar}]v]-\text{ção}s$

$[[X]]aYb / [[\text{escrever}]v]-\text{ção}s$

Contudo, na palavra escrever há uma irregularidade morfológica, ela não segue o padrão de *declarar* → *declaração*, *reparar* → *reparação*, *punir* → *punição*, não há *escrever* → (?) *escreveção*, e sim *escrever* → *escrita*.

Na perspectiva de Gonçalves (2011), temos o padrão determinante-determinado para derivação. Por exemplo: *declarar* > *declara* + *ção* > *declaração*. Assim, ao falar *escreveção*, a criança pode ter seguido essa construção. Vejamos, agora, a narrativa 7:

- 7) Eu estava doente e minha filha estava no quarto, ajudando com meus cuidados. Ela pegou o termômetro e me perguntou:
– Mãe, precisa medir o **temperamento**?
(M, 4 anos)

Aqui há um exemplo de lexicalização semântica. A criança segue, por exemplo, a RAE de *acabar* → *acabamento* e utiliza *temperar* → *temperamento*, em que a base é um verbo. Contudo, dado o contexto, percebemos que *temperamento* não é a palavra adequada, uma vez que ela não está se referindo ao verbo temperar, mas, sim, ao substantivo temperatura.

Na próxima narrativa vemos um exemplo da RFP: V → S_{-dor}. Analisemos:

- 8) Assistindo ao jogo do Brasil na Copa, Isabela soltou um comentário sobre o jogador número 11 da Suíça, que levou um cartão amarelo:
– Ele é bonito por fora, mas por dentro é **derrubador**.
(I, 8 anos).

Essa RFP corresponde a RAE que se aplica em formações tais como *pescar* → *pescador*, *jogar* → *jogador*, *paquerar* → *paquerador*, daí a formação *derrubar* → ***derrubador***.

Por fim, nas duas últimas duas narrativas selecionadas, percebemos a presença do hibridismo. Vejamos:

- 9) Na aula de inglês, disse para minha aluna
– Oh sorry, Ana!
– Tá **sorryado**, teacher!
(A L, 6 anos)

- 10) – Mãe, a teacher fala “open the book” para mandar a gente abrir o livro.
– E para fechar, meu filho, como ela fala?
– Não sei... mas acho que é **desopen** the book.
(D, 5 anos)

Gonçalves (2016) aponta que o hibridismo é formado por elementos tirados de línguas diferentes. No exemplo 9, há a junção da palavra *sorry*, do

inglês, com o sufixo *-ado* do particípio passado do PB. Já no exemplo 10, a criança utiliza o prefixo *-des* e a palavra *open* do inglês.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar a criatividade lexical em falas espontâneas de crianças. Para tal fizemos, inicialmente, um pequeno estudo sobre dois questionamentos feitos por Rocha (2008): por que se formam novas palavras? e quando se formam novas palavras?. Depois, nos valem também das contribuições de Gonçalves (2016) acerca dos fenômenos morfológicos, tais como os neologismos derivacionais, as formações imotivadas e as formas como única ocorrência na língua.

Além disso, com base em Rocha (2008), versamos sobre a formação de palavras à luz da teoria gerativa. A proposta foi analisar quais processos as crianças utilizam ao formarem novos itens lexicais. O estudo mostrou que os neologismos criados pelas crianças, nos diálogos selecionados para este artigo, não foram criados de forma arbitrária. Ao criar novas palavras, elas se valem de fenômenos como cruzamento vocabular e hibridismo, além de utilizarem as RFPs com base nas RAEs. Algumas outras formações puderam ser descritas à luz de Gonçalves (2016).

Para futuras pesquisas, é interessante analisar um número maior de dados e, assim, verificar a ocorrência de outros fenômenos morfológicos nos neologismos criados pelas crianças.

Referências

FERREIRA, Paulo Ricardo Sousa. *Neologismos e processos lexicais criativos: a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

ROCHA, RUTH. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. Rio de Janeiro: Salamandra consultoria editorial, 1976.